

## CAPÍTULO 1

### A Chegada do Estranho

O estranho chegou no início de fevereiro, num dia invernos, enfrentando o vento cortante e a neve agressiva, a última do ano, avançando pela duna, a pé desde a estação de comboio de Bramblehurst, com uma pequena mala de couro na mão protegida com uma luva grossa. Estava coberto de agasalhos dos pés à cabeça e a aba do chapéu de feltro tapava-lhe completamente o rosto; a neve acumulara-se sobre os seus ombros e peito, acrescentando uma camada branca à carga que transportava. Mais morto do que vivo, o estranho cambaleou pela pousada Coach and Horses dentro, onde pousou a mala.

— Uma lareira — exclamou —, por caridade! Um quarto e uma lareira! — Bateu os pés e sacudiu a neve no bar, seguindo a Sr.<sup>a</sup> Hall até à saleta para concluir o negócio. Depois disto e de um par de soberanos lançados à mesa, instalou-se na pousada.

Após acender a lareira, a Sr.<sup>a</sup> Hall saiu para lhe preparar uma refeição. Um hóspede em Iping no inverno era um golpe de sorte inaudito, quanto mais um hóspede que não regateava preços; por esse motivo decidira mostrar que estava à altura da boa sorte.

Logo que viu que a preparação do bacon estava bem orientada e depois de espicaçar um pouco Millie, a ajudante cheia de moleza, com umas poucas expressões de desprezo bem escolhi-

das, a Sr.<sup>a</sup> Hall chegou à saleta com uma toalha, pratos e copos, começando a pôr a mesa com grande espalhafato. Apesar de a lareira arder com um fogo forte, notou com surpresa que o hóspede continuava de chapéu e casaco, de costas para ela, observando pela janela a neve caindo no quintal.

Estava com as mãos enluvadas atrás das costas e parecia absorto nos próprios pensamentos. Ela reparou que a neve derretida que ainda tinha sobre os ombros pingava para o tapete.

— Posso levar o chapéu e o casaco do senhor, para os pôr a secar na cozinha? — perguntou ela.

— Não — respondeu ele sem se virar.

Sem a certeza de ter ouvido bem, a Sr.<sup>a</sup> Hall preparava-se para repetir a pergunta.

Ele olhou para trás, dirigindo-se-lhe por cima do ombro:

— Prefiro continuar assim — sublinhou, e ela reparou que ele usava uns grandes óculos azuis tapados dos lados e tinha suíças farfalhudas que se prolongavam sobre o colarinho do casaco, escondendo-lhe completamente as faces e o rosto.

— Muito bem, senhor — disse ela. — Como preferir. A saleta já aquece.

Ele não respondeu, já tinha desviado outra vez o rosto; sentindo que qualquer troca de palavras seria inoportuna, a Sr.<sup>a</sup> Hall acabou rapidamente de pôr a mesa e apressou-se a sair. Quando regressou, ele ainda estava de pé como uma estátua de pedra, de costas encolhidas, com o colarinho levantado e a aba do chapéu gotejante virada para baixo tapando-lhe completamente o rosto e os ouvidos. Ela pousou os ovos com bacon de modo relativamente ostensivo e anunciou mais do que disse:

— O almoço está servido, senhor.

— Obrigado — disse ele ao mesmo tempo, sem se mexer até ela fechar a porta. Depois virou-se e aproximou-se da mesa.

Enquanto se dirigia à cozinha atrás do bar, a Sr.<sup>a</sup> Hall ouviu um som repetido a intervalos regulares. Tac, tac, tac, o ruído de alguém a mexer rapidamente uma colher numa tigela.

— Aquela rapariga! — exclamou. — Pois é! Esqueci-me completamente! A culpa é dela, por ser tão lenta! — Enquanto

ela própria acabava de preparar a mostarda, continuava a inventar a lentidão excessiva de Millie. Ela cozinhará o bacon e os ovos, pusera a mesa e tratara de tudo, enquanto Millie (que grande ajuda!) só conseguira atrasar a mostarda. E logo com um hóspede novo, que queria ficar! Encheu o recipiente da mostarda e, depois de o colocar com alguma solenidade num tabuleiro dourado e preto, levou-o para a saleta.

Bateu e entrou logo a seguir. Perante isto, o hóspede reagiu rapidamente; ela só captou o vislumbre rápido de um objeto branco desaparecendo debaixo da mesa. Dir-se-ia que ele apanhava alguma coisa do chão. Pousando ruidosamente na mesa o recipiente de mostarda, reparou que ele tirara o chapéu e o casaco e os colocara numa cadeira à frente da lareira. Um par de botas encharcadas ameaçava enferrujar o guarda-fogo de metal. A Sr.<sup>a</sup> Hall aproximou-se destas peças de modo decidido.

— Agora posso levar isto para secar, não é? — inquiriu num tom que não admitia recusa.

— Deixe ficar o chapéu — retorquiu o hóspede com uma voz abafada. Virando-se, ela percebeu que ele erguera a cabeça e olhava para ela.

Por um momento olhou para ele boquiaberta, demasiado surpreendida para falar.

Ele tapava com um pano branco — um guardanapo que ele próprio trouxera — a zona inferior do rosto, de modo que a boca e o queixo estavam completamente escondidos, razão pela qual a voz soava abafada. Mas não fora isso que assustara a Sr.<sup>a</sup> Hall. Fora o facto de uma ligadura branca lhe cobrir toda a testa acima dos óculos azuis, enquanto outra ligadura lhe cobria os ouvidos; a única zona do rosto exposta era o nariz rosado e pontiagudo. Tinha um tom rosa luminoso, tão brilhante como quando ele chegara. Ele vestia um casaco de veludo castanho-escuro com o colarinho alto de linho preto levantado sobre o pescoço. O cabelo preto e grosso, escapando onde conseguia por baixo, entre as ligaduras cruzadas, assumia formas curiosas de caudas e chifres, conferindo-lhe a aparência mais estranha que é possível conceber. Esta cabeça tapada e coberta de liga-

duras era tão diferente do que imaginava, que ela ficou estarrecida por um momento.

Ele não afastou o guardanapo, ela percebeu que a mão dentro da luva castanha continuava a segurá-lo enquanto ele a observava por trás dos imperscrutáveis óculos azuis.

— Deixe o chapéu — disse ele, falando através do tecido branco.

Os nervos da Sr.<sup>a</sup> Hall começaram a recuperar do choque recebido. Voltou a pousar o chapéu na cadeira junto à lareira.

— Não sabia, senhor — começou ela —, que... — calou-se, atropalhada.

— Obrigado — disse ele secamente, olhando primeiro para ela, a seguir para a porta e depois novamente para ela.

— Vou já pôr isto a secar — disse, levando a roupa. Ao sair, espreitou mais uma vez para a cabeça com ligaduras brancas e óculos azuis, mas o rosto continuava tapado com o guardanapo. Estremeceu ligeiramente ao fechar a porta, com surpresa e perplexidade visíveis no rosto. — *Credo!* — Dirigiu-se suavemente à cozinha, demasiado preocupada para perguntar a Millie o que estaria ela *naquele momento* a fazer.

O hóspede continuava sentado, escutando os passos que se afastaram. Antes de pousar o guardanapo e retomar a refeição, olhou para a janela com ar de dúvida. Comeu uma garfada, lançou à janela um olhar desconfiado, comeu outra, depois levantou-se e, ainda com o guardanapo na mão, atravessou a saleta e puxou o estore para cima da musselina branca que tapava as vidraças inferiores. Isto deixou o espaço na semiobscuridade. A seguir regressou à mesa e à refeição com mais à-vontade.

— O pobre homem sofreu um acidente ou foi operado ou coisa que o valha — comentou a Sr.<sup>a</sup> Hall. — Que susto apanhei quando vi aquelas ligaduras, credo!

Pôs mais carvão na lareira, montou o estendal e colocou o casaco do viajante por cima.

— E aqueles óculos! Jesus, parecia mais um capacete de mergulhador do que um ser humano! — Pendurou o cachecol numa ponta do estendal. — E estive o tempo todo com o lenço

à frente da boca. A falar assim!... Se calhar também tem a boca ferida... é bem possível.

Virou-se de repente, como se se tivesse lembrado de alguma coisa.

— Valha-me Deus! — exclamou, desviando-se do assunto. — *Ainda* não acabaste essas batatas, Millie?

Quando a Sr.<sup>a</sup> Hall foi levantar a mesa, confirmou a ideia de que o estranho devia ter ficado com a boca ferida ou desfigurada no acidente que ela imaginava que ele tinha sofrido, visto que, apesar de fumar cachimbo, ele não desapertou o lenço de seda com que embrulhara a zona inferior do rosto para levar sequer uma vez o cachimbo à boca, enquanto ela esteve na saleta. Contudo, isto não aconteceu por distração, porque ela o viu a olhar para o cachimbo fumegando em vão. O estranho estava sentado a um canto, com as costas para o estore e, visto que já tinha saciado a fome e a sede e se sentia razoavelmente confortável, falou com uma concisão menos agressiva do que antes. Os reflexos do fogo transmitiam aos óculos enormes uma cor e animação antes ausentes.

— Deixei alguma bagagem — disse ele — na estação de Bramblehurst. — Perguntou-lhe como poderia mandá-la entregar ali. Inclinou a cabeça ligada de modo amável enquanto ouviu a explicação dela. — Amanhã! — exclamou. — Não pode ser mais rápido? — Ficou bastante desiludido quando ela respondeu que não. De certeza? Não haveria alguém com uma carroça que pudesse tratar disso?

A Sr.<sup>a</sup> Hall respondeu às perguntas de boa vontade, mantendo a conversa.

— É um percurso íngreme pela duna, senhor — retorquiu depois da pergunta sobre a carroça; aproveitando a oportunidade, acrescentou: — Naquele mesmo sítio houve um acidente com uma carroça há um ano ou mais, senhor. Morreu um senhor, além do carroceiro. Os acidentes acontecem num ápice, não é?

Mas o hóspede não se deixava convencer tão facilmente.

— É verdade — respondeu através do lenço, observando-a calmamente através dos óculos impenetráveis.